

A HISTÓRIA EM VICO E SUAS CONTRIBUIÇÕES À CONTEMPORANEIDADE

Wirley Quaresma da Cunha¹

1 A CRÍTICA DE VICO AO PENSAMENTO MODERNO

No século XVII, percebemos uma reviravolta no cenário filosófico e na maneira do homem perceber o mundo. Contrastando com o pensamento filosófico absoluto na idade média, onde tínhamos a influência predominantemente teocrática na forma de pensar, a filosofia moderna afirma-se a partir da cisão em relação ao pensamento medieval. A razão teológica foi sendo substituída por uma forma de pensar estritamente humanística, cujo eixo deslocou-se de Deus para os homens, em outras palavras, libertando-se das rédeas eclesiásticas, conquista-se autonomia no pensar, preponderando o caráter racional.

Com isto, o homem se convence da possibilidade de ultrapassar limites até então intransponíveis do conhecimento, aventurando-se a conhecer o mundo que o cerca, por meio de suas próprias faculdades, isto é, o *cogito*, marco divisor da modernidade, inaugurando assim a distinção entre sujeito cognoscente e objeto do conhecimento. Neste contexto, a relação do homem com o mundo se altera, o mundo natural passa a ser visto pelo olhar inquiridor do cientista, como objeto de conhecimento passível de ser mensurado. O véu que antes encobria e ofuscava o conhecimento da natureza passava gradativamente a ser descoberto.

Iniciada no final da Idade Média, a chamada Revolução Científica tomou forma ao longo do século XVII. No decorrer do século seguinte ela se expandiu para diversas áreas do conhecimento, fazendo nascer uma nova cultura, na qual a ciência mecanicista se constituía como núcleo de uma nova racionalidade, rompendo definitivamente com as estruturas medievais baseadas numa razão teológica. (GUERRA, 2005, p.15)

O precursor da revolução científica na modernidade foi Galileu Galilei (1564-1642) ao pensar a natureza de uma maneira mecânica, como um sistema fechado e regulado por leis mecânicas, portanto passível de ser decifrado e compreendido pelo homem que o toma como objeto, como fica claro em sua famosa passagem:

A filosofia está escrita neste enorme livro, que está continuamente aberto diante dos nossos olhos (refiro-me ao Universo) mas não pode ser entendido se antes não se aprende a entender a língua e os caracteres nos quais está escrito. Está escrito em língua matemática.

e os caracteres são triângulos, círculos e outras figuras geométricas. (GALILEU, 1983, p. 119)

Giambattista Vico (1668-1744), filósofo italiano de Nápoles, situa-se neste contexto, mas diferentemente da maioria de seus contemporâneos não se curva frente ao frenesi do racionalismo predominante, ao contrário, se posta como um ferrenho combatente frente a forte tendência ao modelo matematizante de ciência. Por conseguinte, consideramos a crítica feita por Vico à concepção de sujeito estabelecida na modernidade, ser um passo basilar para a constituição de seu intento maior, de fundamentar uma nova ciência que tem como fundamento o mundo das realizações humanas, a *ciência histórica*.

Nesta linha, sua filosofia se constitui fundamentalmente no confronto ao racionalismo de Descartes (1596-1650), principal expoente do ideário da modernidade. Ele se tornou o principal expoente deste período ao assumir a responsabilidade de pensar e formular as bases para a ciência com um princípio epistemológico estabelecido pela razão, quando através do método dedutivo assegurou a possibilidade de uma ciência da natureza. Com isto, submete a natureza à unidade da razão, já que a consciência da existência de um sujeito receptor de conhecimento se faz inquestionável, cria assim uma separação fundamental no pensamento humano com a afirmação de um sujeito epistêmico, elemento primordial na constituição da ciência moderna.

Os filósofos inspiraram-se largamente na justeza do método dedutivo que era utilizado nas matemáticas, devido à sua exatidão, com isto pretendiam atingir o mesmo sucesso e rigor das operações matemáticas no conhecimento dos fenômenos naturais.

O método cartesiano exclui o incerto e o duvidoso, recusa a imaginação como parte constituinte do processo do conhecimento, pois a considera como fonte de ilusões e inverdades, conseqüentemente o conhecimento do mundo humano não tem espaço no âmbito científico. Vico então, se põe de encontro, através da crítica ao princípio epistemológico *cogito ergo sum*, ao considerar que este não pode ter para as ciências a mesma funcionalidade de um princípio matemático.

Considerando o conceito de sujeito como princípio fundamental da epistemologia moderna, fica claro que ao criticar a *res cogitans*, Vico coloca-se de encontro a toda concepção de conhecimento elaborado na modernidade. Inaugurando, desta forma, uma nova epistemologia e conseqüentemente uma

nova metodologia.

É louvável como o filósofo italiano encontra subsídios em sua filosofia para pensar a cientificidade dos saberes de uma maneira diferente daquela que tem a objetividade em seu cerne, em outras palavras, distinta da concepção que tem o sujeito enquanto princípio norteador no processo cognoscente.

Vale ressaltar que Vico se diferencia de alguns intelectuais contemporâneos, tais como Augusto Comte (1798-1857) e John Stuart Mill (1806-1873), cujo esforço intelectual foi defender o caráter científico das ciências humanas, porém adequando-as ao modelo positivista de ciência, o qual não possui o mesmo assentimento de legitimidade na filosofia viquiana e concomitantemente não terá serventia na fundamentação da ciência histórica ou ainda como prefere Vico, na *nova arte crítica*.

Vico percebe a existência de duas ordens de conhecimentos até então desconsideradas pelos *doutos*, a ordem do *verum*, proveniente da filosofia, conhecimento de natureza dedutiva e por isto demonstrável, peculiar às matemáticas, e a ordem do *certum*, da certeza, que diz respeito ao verossímil, aquilo que não é a verdade mais que dela se aproxima, conhecimento característico da ciência histórica. O discernimento destas duas ordens de conhecimento foi fundamental para ele entender o equívoco do pensamento moderno ao ignorar os assuntos humanos, pois desconsideraram a ordem da verossimilhança. Assim, atribui *status* científico a um conhecimento que parte do verossímil através do método filológico-filosófico.

Como sabemos, devido a sua precisão, o método proposto para as ciências naturais surge a partir da metodologia das matemáticas, na qual a verdade pode ser demonstrada a partir de um axioma ou princípio dedutivo, por conseguinte este conhecimento pertence à ordem do *verum* (verdadeiro) e sua validade lógica é inquestionável. No entanto, não se pode esperar que o mesmo rigor lógico daquela fosse válido para o mundo natural, pois não há nenhum elo fundamental entre as verdades matemáticas, que são obras da razão humana, com os fenômenos da natureza, cuja causa não lhe diz respeito, embora se estabeleça correlações, diria geométrica entre estes dois elementos, a lógica e o fenômeno.

Para Vico, existe um conhecimento de superfície criado pelo homem que tem realidade própria apenas no âmbito lógico-racional, inclusive nele é possível estabelecer várias operações subsidiadas pela coerência intrínseca a esta

estrutura. Esta funciona da seguinte maneira, legitima-se a partir do princípio unificador da ideia *clara e distinta*, na medida em que se estabelece um princípio indubitável através do qual as deduções são realizadas, sempre na concordância desses princípios. Para Vico este conhecimento é inerente à veracidade, já que a verdade se faz inquestionável, pois as causas podem ser demonstradas a partir do princípio de que foi feita a dedução, por isso pertence a ordem do *verum*.

No entanto, a ilusão dos filósofos modernos consiste em confiar a realidade própria do mundo lógico-matemático ao mundo material que não é lógico, ora é impossível através daquele apreender a *causa sui*² deste, conseqüentemente deduzir leis gerais que regem a natureza, embora seja possível nela intervir, mas apenas podendo imitar um determinado processo através de métodos e mensurações, mas nunca alterá-la em sua essência fazendo-o acontecer de outra maneira, pois à mente humana é omitido o conhecimento de sua criação:

A firmeza das verdades matemáticas não procede da claridade e distinção dos seus conceitos, mas do objeto sobre o qual predica, que é uma ficção criada pelo homem, pois a mente humana possui as causas desse objeto, uma vez que ‘saber significa compor os elementos das coisas’, porque são utilizados e dados mediante informações certas que, em função da origem da coisa, combinam-se através de determinados elementos e não outros. (NUNES, 2009, p. 36)

A utilização do método cartesiano para a obtenção de conhecimento e, conseqüentemente a justificação de uma ciência da natureza por meio de critérios de verdade prescritos pela razão foi o alvo principal das críticas de Vico. Este contestava a pretensão existente desde Galileu de construir um mundo *a priori* das coisas (da ordem do *verum*), em outras palavras, os modernos acreditavam poder encontrar na natureza a mesma regularidade existente nas deduções matemáticas, concentrando suas atenções nas operações lógicas; mesmo sem nunca penetrar na verdadeira essência do mundo acreditavam estar de posse desta, o que Vico contesta.

Devido ao entusiasmo diante dos progressos científicos alcançados pela ciência moderna, o homem coloca-se diante da natureza transformando-a em objeto do conhecimento, acreditando ser possível entender perfeitamente o mundo natural, no entanto devido à nossa natureza limitada nos é possível apenas conhecê-la de maneira superficial, obtendo apenas um conhecimento aparente, todavia nunca entendê-lo em sua essência como acreditavam os modernos. Ora, já em Aristóteles o conhecimento considerado mais sublime é aquele que se dá pelas causas (*per causas*), por isso o conhecimento da matemática é verdadeiro, ao criá-la dispomos de suas causas, por outro lado não detemos as causas da criação do mundo, pois é obra do Primeiro fazedor

(Deus), ele detém a sua *causa sui*.

A convicção acerca da existência de uma ordem natural, que poderia ser transcrita ou decodificada no âmbito racional de maneira clara, tal como são as demonstrações feitas pelas matemáticas, ocorre dada a limitação de nossa capacidade cognitiva para entender a natureza. A enorme vontade do homem em ordenar e classificar a realidade que lhe cerca deve-se à ânsia de assimilar e entender a si próprio enquanto ser inserido nela.

Vico percebe a incongruência de tal postura considerando que os conceitos da matemática são de natureza abstrata, criadas pela mente humana, enquanto por outro lado o mundo natural é de natureza material e a sua criação é distinta da criação do homem. Por este motivo, a validade das operações dedutivas da matemática está, quando no seu âmbito restrito, regido por regras lógicas, quando o homem tenta transpor esta ordem para o mundo físico, esta esbarra numa certa inadequação entre a natureza e a matemática.

Por conseguinte, as forças que movimentam a natureza são independentes da nossa vontade, e o esforço do homem está em querer dominá-las. Se o homem não conhece plenamente a natureza porque ele não a criou, pode apenas reproduzir algum fenômeno em particular, isto é, mediante equipamentos e condições ideais. Um conhecimento pleno da natureza só o Primeiro Fazedor (Deus) pode ter, pois ela é criação sua, ao homem é possível conhecer o mundo civil ou histórico já que este sim é uma construção sua.

Por isso, para Vico fica evidente que o método dedutivo cartesiano não seria capaz de nos dar a *causa sui* acerca das coisas e, portanto não nos proporcionaria o conhecimento pleno acerca da natureza. Da mesma forma para as ciências humanas, de modo que os acontecimentos humanos diferem e muito do rigor exigido naquelas abstrações lógicas; por serem incertos por natureza, pertencem à outra ordem de conhecimento, à ordem do *certum*³ ou da verossimilhança.

Vico rejeita a exclusividade do método geométrico em prol de uma epistemologia que valorizasse a sabedoria prática. O conhecimento da história não se limita a um campo restrito e fechado tal como na matemática - na qual não se obtém nada de novo - a história se dá por meio da ação do homem, matéria esta que não é apreciada para o cartesianismo, por conservar-se encerrado em estruturas lógicas e à conformidade de seus parâmetros. Se por um lado vangloriavam-se de um avanço da técnica, por outro abdicaram da própria condição humana.

2 APROXIMAÇÕES COM A FILOSOFIA ECOLÓGICA

Como vimos, a modernidade cria com a descoberta do *cogito* uma ruptura epistemológica fundamental, traçando a linha que demarcará o horizonte do conhecimento científico na idade moderna e nos séculos posteriores. Porém, este prisma trás conseqüências não somente na forma de se obter conhecimento, mas também nas transformações ocorridas na sociedade, sejam elas políticas, econômicas, e na própria maneira do homem se relacionar com o meio ambiente. Na contemporaneidade, a efetividade do método racionalista passou a ser colocada em xeque frequentemente, principalmente com a crise da física newtoniana e o surgimento da teoria da relatividade de Einstein e o princípio de incerteza de Heisenberg.

A figura do sujeito moderno e sua sobreposição em relação à natureza é alvo também das críticas formuladas pela *Filosofia Ecológica*, que surge a partir da década de 60 principalmente com os trabalhos de J.J Gibson e G. Bateson (Gonzalez, 2011) se propondo como uma área de pesquisa filosófica interdisciplinar. Esta desconstrói, tal como Vico outrora havia feito, a visão do homem estritamente racional, que se volta para a natureza como ser à parte desta, propondo uma nova visão desta relação, de interação e inserção no meio.

A Filosofia Ecológica se diferencia da Filosofia da Ecologia, pois esta ainda segue um prisma racionalista na medida em que procura racionalizar a relação do homem com a natureza, enquanto que aquela adota a visão sistêmica de mundo e do conhecimento, enxergando os conhecimentos de maneira desfragmentada, já que surge em contraposição ao pensamento racionalista.

...os princípios da Filosofia Ecológica se contrapõem aqueles da visão racionalista mecanicista sobre a natureza. Em primeiro lugar, ela retira o homem do centro do universo e busca descobrir o que parece ser o seu nicho natural na dinâmica da vida auto-organizada e compartilhada por inúmeras formas significativas de existência. (GONZALEZ, 2011, p. 29)

A Filosofia Ecológica posiciona-se no mesmo embate enfrentado por Vico, ao rejeitar a separação dualista entre sujeito e objeto, vê o ser humano imerso no ambiente e em plena interação com este, considerando a dinamicidade a qual lhe é inerente, inclusive ao homem, enquanto ser inserido neste ambiente. Contrastando, portanto, com o pensamento moderno, em clara alusão ao pensamento de Galileu Galilei em relação ao mundo, que o considerava como o sistema fechado e regido por leis mecânicas, a Filosofia Ecológica se afasta da noção do mundo como uma máquina:

A terceira suposição fundamental da Filosofia Ecológica é que a natureza não é uma máquina gigantesca, mas sim um sistema informacional, dinâmico e qualitativo, que tem os seres vivos entre os seus constituintes fundamentais. Nesse sistema, o acaso e os processos auto-organizadores desempenham um papel importante no estabelecimento de novidades e na preservação da vida. (GONZALEZ, 2011, p. 29)

Quando rejeita a visão racionalista do funcionamento de mundo, a filosofia ecológica naturalmente contesta a veracidade e o modelo científico adotado pelas ciências naturais. Vico de maneira perspicaz antecipa a crítica, e constata que os conhecimentos que as ciências naturais produzem em relação ao mundo são superficiais. No entanto, não implica dizer que a Filosofia Ecológica irá abandonar estes conhecimentos, pois utiliza a interdisciplinaridade, as comprovações científicas são importantes enquanto material de teorização, principalmente aquelas que dialogam com a sua abordagem, mas ainda permanece ao nível da comparação.

Nesse sentido, a filosofia ecológica vem corroborar que as ciências aos moldes modernos possuem suas limitações, tanto os conhecimentos provenientes exclusivamente das sensações, aproximando de um empirismo, quanto àqueles que se baseiam fundamentalmente na razão e suas abstrações lógicas, são insuficientes para o conhecimento, haja vista que a lógica existente no mundo não é de ordem racional, como exposto por David Large:

A abordagem ecológica da mente é baseada na reciprocidade entre organismo e ambiente. Em particular, a reciprocidade ecológica entre a mente e o mundo físico explicita a relação entre ambos e remove a necessidade de qualquer separação dualista. Essa reciprocidade surge da descrição do ambiente ecológico como o que está disponível para a mente, ou, se você preferir, o que está disponível para se pensar. Esta abordagem rejeita considerações que repousam nas sensações, dado que elas não explicam o relacionamento entre o mundo e o organismo de modo correto; Nesse sentido, explicações físicas são – na melhor das hipóteses – incompletas. (LARGE, 2011, p. 352)

É importante destacar que o conceito de interação é central na Filosofia Ecológica, esta perspectiva desconsidera o monopólio do sujeito sobre o conhecimento do mundo, mas considera que a mente dos diferentes seres é formada e se processa a partir das informações disponíveis no ambiente ecológico, as *affordances*. O termo interação não está presente no pensamento do filósofo italiano, mas é possível estabelecer correlações com este conceito, por exemplo, podemos estabelecer relação com o conceito de mente primigênia. Para Vico, esta se constitui como uma instância anterior à racionalidade, o homem possuía um raciocínio ainda dúbio e incipiente, mas fundamental no processo adaptativo, pois esta com recursos parcos ordena o mundo humano a partir das disposições presentes no ambiente:

Neste arranjo adaptativo a mente primigênia passou a recolher elementos assemelhados em função de uma taxonomia ingente, própria da sensibilidade porque instintiva e a formar e conjugar imagens ainda rudimentarmente fantásticas e divinizantes, numa escala latente e emergente de uma geração imperceptível que aflorava silente num despertar amorfo desta mente lerda e estulta, primordial e incipiente. Assim foram lentamente ganhando contornos, agregando sinais e formando conjuntos imagéticos no transcurso social da vida em grupo. (NUNES, 2012, p. 7)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos como a concepção viquiana ocasionou uma ruptura de certo modo com o pensamento majoritariamente aceito em sua época, o cartesianismo, através da crítica ao princípio epistemológico cartesiano *cogito ergo sum*, ao considerar que este não pode ter para as ciências a mesma funcionalidade de um princípio matemático, com isto o filósofo italiano afasta-se da pretensa necessidade da evidência, e estabelece na relação do fazedor com a sua obra, a chave para a compreensão do processo cognoscente, na medida em que o conhecimento nesta filosofia é considerado *per causas*, conseqüentemente o conhecimento da história é visto por quem lhe dá causa, ou seja, o homem, e somente este pode conhecê-la.

Vimos também como é possível estabelecer uma aproximação entre o pensamento viquiano com a filosofia contemporânea, mais especificamente com a Filosofia Ecológica, a partir de seu anticartesianismo. Vico já fazia reflexões em uma perspectiva de pensamento que só viria a ter mais espaço na contemporaneidade, principalmente com a crise da ciência moderna, na contemporaneidade o homem começa a se confrontar com as conseqüências de uma forma de pensar que fora erigida na modernidade.

Vico já alertava para os perigos da supervalorização da razão. Se o avanço da técnica e ciência moderna trouxe avanços para a humanidade, a forma de considerar o ser humano como acima da natureza e de outros seres que habitam este mundo trouxe vários problemas. Problemas que vão desde o caráter epistemológico e pedagógico, como os de natureza ambientais, que decorrem da maneira como o homem passou a tratar o ambiente que o cerca, deixando de se sentir parte deste para tratá-lo com o intuito de dominar.

Vico não teve um reconhecimento em sua época, talvez por se colocar diante do pensamento majoritariamente aceito como um crítico impiedoso. Seu reconhecimento só passou a ser dado nas últimas décadas, a partir de alguns estudos de especialistas em sua obra, mas mesmo assim o número de trabalhos

sobre este pensamento ainda é incipiente.

Para nós, a principal contribuição de Vico para humanidade foi, em meio à evolução estridente da técnica, nos fazer refletir acerca da real condição humana e alertar para os perigos de o homem incorrer no abrandamento de sua natureza inventiva e então perder o caráter autoral de sua própria vida, ignorando a importância da imaginação e ingressar em uma forma de vida completamente uníssona, repetitiva, movida pelo ritmo das máquinas, quando muito se assemelhando destas.

Notas

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. Pós-graduando do curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico-raciais do Instituto Federal do Pará. Membro do Grupo de Filosofia Temática-GFT/UFGA). Orientador: Dr. Sérgio Nunes. E-mail: wirlleyquaresma@outlook.com.

² “*Causa sui*” remete àquilo que é causa de si mesmo, e não depende de outra coisa para existir, este termo começou a ser utilizado na filosofia no medievo referindo-se principalmente a Deus enquanto substância (FERRATER, 2004 p. 442).

³ A ordem do *certum* ou da certeza diferencia-se do conhecimento exato oriundo das matemáticas ao caracterizar-se pela incerteza, portanto tal conhecimento pertence à ordem da verossimilhança, ou seja, aquilo que não é a verdade, mas que dela se aproxima.

Referências Bibliográficas

BARROS, Ivan Kowaleski Figueira de. **A concepção de história em Giambattista Vico**. 2010. 101 f. Tese (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

BERLIN, Isaiah. **Vico e Herder**. Tradução: Juan Antônio Gili Sobrinho. Brasília: UNB, 1982.

DECARTES, René. **Discurso do Método/Meditações Metafísicas**. Tradução: J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

GONZALEZ, M. E. **Visões de mundo, uma reflexão a partir da perspectiva da filosofia ecológica**. In: *A (in) sustentabilidade do desenvolvimento: meio ambiente, agronegócio e movimentos sociais* / Org. Mirian Cláudia Lourenção Simonetti – São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília : Oficina Universitária, 2011.

FERRATER MORA, José. **Dicionário de Filosofia Vol. 1**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GUERRA, Andreia; BRAGA, Marco; REIS, José Claudio. **Breve história da ciência moderna.** das luzes ao sonho do doutor Frankenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 3 v.

GUIDO, Humberto. **A barbárie da reflexão e a decadência moral:** a crítica de Vico a cultura do Iluminismo. Editora Philosophia, UFU, 2002.

_____. **A positivação da história como negação do projeto de Vico para as Ciências Humanas.** Educação e Filosofia, UFU, 1999.

LARGE, David. **O que é filosofia ecológica?** Trad. Juliana Moroni, Eunice Gonzalez, João Moraes. Revista Kínesis, Vol. III, nº 05, Julho-2011, p. 349-355. Marília-SP, 2011.

NUNES, A. S. C. **A arqueologia da linguagem em Giambattista Vico.** 2009. 164 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. **A linguagem incipiente ou a formação da mente primigênia.** Revista Kínesis, Vol. IV, nº 08, Dezembro 2012, p. 1-12. Marília-SP, 2012.

ROVIGH, Sofia Vanni. **História da filosofia moderna:** da revolução científica a Hegel. São Paulo: Loyola, 2002.

VICO, Giambattista. **Opere Filosofiche.** Introduzione di Nicola Badaloni. Firenze: Sansoni Editore, 1971.

_____. **Princípios de ciência nova.** acerca na natureza comum das nações. Tradução do original italiano intitulado Principi di Scienza Nuova. Tradução: Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.